

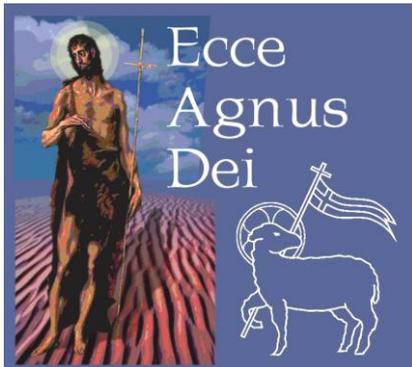


FOLHA FOLHA

INFORMATIVA INFORMATIVA

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA - LISBOA

EIS O CORDEIRO DE DEUS



Um dos testemunhos que manifesta Jesus como o Messias é o de João Batista. Ele apresenta-O como o “Cordeiro de Deus”. O símbolo do Cordeiro reúne duas passagens do Antigo Testamento aplicando-as a Jesus: a do “Servo de Deus” ou “Servo de Yavé” (Is 53, 7) que carrega com o pecado do mundo, e a do cordeiro pascal que é imolado para tirar o pecado do mundo. Uma e outra coisa é o Senhor, descendo às águas entre os pecadores. Ele humilha-se assumindo a situação da nossa natureza de homens pecadores: uma vez ungido pelo Espírito Santo, Ele torna-se fonte desse mesmo Espírito para todos os que são batizados no seu nome. Jesus é apresentado por João, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Apresenta-O a nós. Na verdade, CORDEIRO diz-se na língua aramaica, língua comum então falada, “Talya” que significa não só cordeiro, mas também “servo”, “filho” e “pão”. O Espírito de Deus entra na nossa história, descendo e permanecendo na humanidade de Jesus. A humanidade de Jesus é a porta por onde entra em nossa casa o Espírito de Deus. Cordeiro, Servo, Filho, Pão: eis Jesus manso e dócil, nosso irmão e nosso alimento.

O “Segundo Canto do Servo do Senhor (Is 49, 1-6), em que hoje se espelha o Evangelho, já mostra este Servo de Deus, libertado do serviço entre os povos estrangeiros, para se colocar exclusivamente ao serviço do Senhor que por isso e para isso o pode chamar “meu servo” (Is 49,3-6). Jesus é o Servo do Senhor por excelência e o cordeiro sacrificial por antonomásia, o novo Cordeiro Pascal imolado precisamente no dia de Páscoa à hora da matança dos cordeiros pascais. Ele é o sacrifício da nova Aliança que supera e anula o sangue dos sacrifícios de animais. É a nova Vítima e, simultaneamente, o Sacerdote. Pelo seu sangue recebemos a redenção, o perdão dos nossos pecados.

A expressão “que tira o pecado do mundo”, engloba não só o purificar todos os pecados numericamente, mas também e sobretudo a situação de pecado do mundo, a condição escravizada do homem pecador. Supõe a destruição do mistério da iniquidade que é o pecado, a vitória da luz sobre as trevas, e o do amor a Deus e aos irmãos nas suas múltiplas manifestações pecaminosas e que ainda pairam no “homem velho”.

Com a morte expiatória de Jesus fica purificado não só o pecado do povo Israelita da antiga Aliança, como o pecado do mundo. E assim se acredita no homem novo criado à imagem de Deus, chamado à santidade, consagrado por Jesus Cristo são chamados de “O povo santo de Deus”.

É altura para exclamar como S. Paulo: “Pobres de nós! Quem nos libertará desta situação de pecado que nos leva à morte e à destruição mútua”? Quem nos reconciliará com Deus e os irmãos? Como poderemos lutar contra o mal e vencê-lo dentro de nós mesmos, na nossa casa, na nossa vida e no ambiente que nos rodeia”? Há uma esperança que corre o risco de se destruir. É Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo que lhe dará vida. Ele é a nossa vitória, a nossa libertação e a nossa paz.

É uma urgência da nossa fé dar testemunho da salvação de Deus como indivíduos e como comunidade eclesial que segue a Cristo. Na nossa incorporação n’Ele, formando um só corpo nos sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Confirmação e Eucaristia), assumimos o desejo de testemunhar essa fé no mundo que nos rodeia. É esse o nosso serviço no reino: Luz das nações até aos confins da Terra. *(continua)*

ES O CORDEIRO DE DEUS

(continuação)

É nesse rasto de Luz que um dia S. Paulo chega a Corinto para acender a Luz de Cristo, e velar por essa Luz. É por isso que hoje escutamos também o princípio da correspondência que Paulo estabelece com a Comunidade de Corinto.

Esprei no Senhor com toda a confiança
E Ele atendeu-me
Pôs em meus lábios um cântico novo
Um hino de louvor ao nosso Deus (Salmo 39)

QUARENTA ANOS DE ESCUTISMO NA AJUDA



● nosso Agrupamento de Escuteiros Católicos (o “485”), celebra este ano a bonita idade de 40 anos. Olhando para trás e tendo acompanhado de perto todos estes anos da sua existência vejo quanto foi rico para a nossa paróquia a presença dos escuteiros. E não

foi apenas importante para os jovens rapazes e raparigas mas também para os adultos que aqui deram o seu contributo ao exercerem as funções de dirigentes. A formação que, normalmente se alcança neste movimento de crianças, adolescentes e jovens é feita por processos activos, e de preferência na natureza o que exige muita presença, tempo e disponibilidade dos que os acompanham. Vezes sem conta não é uma simples hora semanal de reunião, mas fins-de-semana completos com eles.

Pelo nosso Agrupamento passaram já muitas centenas de escuteiros que recordam com saudade o tempo que por cá viveram. Muitos, não vivendo longe da paróquia, voltam agora para trazer os seus filhos e filhas. Alguns tornam a assumir tarefas de chefia que tinham exercido noutros tempos. Esta sequência, abrangendo uma ou mais gerações, dá ao Agrupamento da Ajuda um cariz verdadeiramente familiar em que todos se sentem bem e se esforçam por mantê-lo sempre vivo e rejuvenescido.

Agradecemos a Deus a graça de poder contar com um experiente agrupamento de escuteiros para ajudar a crescer as nossas crianças e jovens na nossa Paróquia.

Vamos começar as celebrações do 40º Aniversário no próximo fim-de-semana com várias actividades. As mais importantes serão a Velada d’Armas (Vigília) sábado à noite e Missa festiva com Promessas no Domingo às 11 horas. Haverá Promessas de Lobitos e Escuteiros e também Promessas de 6 novos dirigentes. Por esta razão prevemos que a missa das 11 será um pouco mais longa.

A IGREJA PERANTE A CREMAÇÃO DOS CADÁVERES (II)



A opção pela cremação pode ter motivações válidas. De facto, “a cremação do cadáver não toca a alma e não

impede a onipotência divina ressuscitar o corpo e, portanto, não implica a negação objectiva da doutrina cristã sobre a imortalidade da alma e da ressurreição dos corpos”. Em tais casos importa salvaguardar:

-  que a escolha respeite a vontade expressa ou razoavelmente presumível da pessoa falecida.
-  que se evite qualquer tipo de escândalo ou de indiferentismo religioso.
-  que se acautele o destino a dar às cinzas resultantes da cremação do corpo do defunto as quais, por norma, devem ser conservadas num lugar sagrado: cemitério, igreja, etc...

Estas precauções têm motivos sérios:

-  Os defuntos continuam a fazer parte da Igreja
-  Os túmulos ou os lugares onde se conservam as urnas com as cinzas dos fiéis defuntos são lugares de “oração, de memória e de reflexão”
-  “A conservação das cinzas num lugar sagrado pode contribuir para que não se corra o risco de subtrair os defuntos à oração e à recordação dos parentes e da comunidade cristã.
-  Evita-se deste modo a possibilidade de esquecimentos ou faltas de respeito que podem acontecer, sobretudo depois de passar a primeira geração, ou então de cair em práticas inconvenientes ou supersticiosas”.
-  Por tudo isto, não é aceitável - nem saudável - a conservação das cinzas nas casas onde se reside, ou a sua distribuição entre os vários parentes, ou a sua transformação em jóias ou em objectos de recordação de qualquer tipo. Como se compreende, é a dignidade humana do fiel defunto que, em última análise, se pretende preservar. Por outro lado, a dispersão das cinzas na natureza é excluída para evitar qualquer tipo de equívoco panteísta, naturista ou nilista.

FOLHA INFORMATIVA DA PARÓQUIA DE N.ª S.ª DA AJUDA
Nº 08 ANO XVI – 15 DE JANEIRO DE 2017 – II DOMINGO DO TEMPO COMUM

www.paroquiaajudalisboa.com - ipnsajuda@netcabo.pt - Tel: 213630039 · Telem: 912482605